

## NA CULTURA DO VAZIO, PATOLOGIAS DO VAZIO

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

*Na cultura atual, “era do vazio”, as patologias do vazio mental desafiam a psicanálise.*

*A era pós-moderna, que se identifica como era do vazio e da imagem, caracteriza-se pelo individualismo hedonista, personalizado e narcísico, pela apatia, pela sedução generalizada, pela legitimação de todos os modos de vida, pela coexistência de contrários, pela inversão dos ideais, em que a verdade é soterrada.*

*Destaco o uso destrutivo da TV e do computador como emblemas desse momento em que a realidade virtual substitui a realidade real.*

*Escolho o conceito nosográfico de vazio mental como um paradigma metapsicológico que permite abordar as variadas formas que este vazio pode aparecer na clínica: neosexualidades, drogadição, enclaves autísticos, bulimia, anorexia, patologias narcísicas e do psico-soma. O vazio mental é uma grave alteração estrutural da mente, um continente que não pode albergar conteúdos.*

*É trabalho terapêutico fazer com que EROS amortize o mudo, mas eficiente trabalho de THANATOS. A proposta técnica, com estes pacientes, é editar, permitir a inscrição psíquica na relação transferencial, ao invés de reeditar.*

*Ilustro as hipóteses com uma experiência clínica com uma adolescente em análise e uma vinheta de Observação de Bebês – Método Esther Bick.*

*Unitermos*

Cultura do vazio • perigo da realidade virtual • patologias do vazio • reformulações técnicas à luz de novas patologias.

## 1) INTRODUÇÃO

A) Neste trabalho pretendo entrelaçar um aspecto da cultura atual: o “vazio”, com as patologias do *vazio mental*.

B) Ilustro as hipóteses através de uma experiência clínica com uma adolescente em análise e uma vinheta de Observação de Bebês – Método Esther Bick<sup>1</sup> realizada no UAI<sup>2</sup>, abrigo do Centro Corsini<sup>3</sup>.

C) Alerto sobre o desafio contemporâneo para criar as condições de humanização do SER.

## 2) POR QUE A CULTURA?

A subjetividade se constrói na inter-subjetividade. Este é o legado de Freud, muito embora uma leitura de sua obra possa enfatizar-se como crítica a uma postura solipsista. Em 1923, no “Ego e o Id”, o mestre se refere à servidão do Eu às outras instâncias. É nosso desafio desenvolver teoricamente a servidão ao mundo exterior: a cultura (Marucco, 2000). Tanto a formação do superego quanto o processo de identificação revelam que o objeto externo, representante da cultura, é estruturante.

Na história da psicanálise, surge um novo paradoxo. A escola de “relações objetais” de Melanie Klein é também acusada de negligenciar a *função do objeto externo real*. Bion (1962), com o conceito de *rêverie*, coloca em destaque a *função materna e paterna* para transformar a consciência rudimentar do *infans* numa consciência ampliada. O pensamento humano surge no bebê como consequência do trabalho mental da *função materna*. A significação é obra da *função materna*, que se revela ao interpretar a criatura humana marcada pelo célebre *hilflosigkeit*, o desamparo freudiano (Freud, 1895). Este conceito revela a impotência do lactante que, não podendo saciar a exigência de satisfação da pulsão, conchama ao objeto, o Outro (Green, 1996). Quando o objeto falha, no segundo tempo, surge o sentimento de desvalimento, falta de socorro. O pré-consciente, sede da representação de palavra que inclui a representação de coisa, coagula tanto ao apelo quanto à obra do psiquismo do Outro. É a interpretação materna que gesta a representação de palavra

---

<sup>1</sup> Realizada por Clícia Assumpção Martarello de Conti.

<sup>2</sup> Unidade de Apoio Infantil.

(Guignard, 1997). Winnicott, catalogado como ambientalista, surge para ressaltar a importância do objeto externo real. Para Lacan, que parte do estruturalismo de Saussure, a cultura ganha, na teoria psicanalítica, estatuto epistemológico, assim como a linguagem. O Outro é responsável pela alienação do desejo humano. Na reformulação da situação edípica, o *infans* é o falo da mãe na relação dual, imaginária, especular, simbiótica, narcísica. O “Nome do Pai”, portador da lei, separa a necessária simbiose inicial. O pai é o outro da mãe na triangulação edípica.

O *infans* nasce numa cultura. Ao chegar ao mundo<sup>4</sup>, chega tarde porque o filme já tinha começado. No berço mental dos progenitores e/ou cuidadores, metaforicamente vibra a cultura, os mitos familiares e institucionais, os valores, os ideais, as histórias transgeracionais, as missões a cumprir, os projetos identificatórios, as proibições que, com a violência da interpretação, esculpem o ser. A cultura que estrutura o sujeito – e é co-responsável pelas novas patologias – desafia a psicanálise para que, permanecendo o método, seja mudada a técnica de enfrentá-las.

### 3) A CULTURA DO VAZIO

A era pós-moderna teve início na segunda metade do século passado, em uma nomeação reputada a Toynbee (1947). Ela nasceu com a arquitetura e a computação, cresceu ao entrar para a filosofia com Jean François Lyotard. Para alguns representa a decadência porque está associada ao descrédito das grandes idéias e a valores das instituições ocidentais: Deus, Ser, Razão, Ciência, Verdade, Consciência, Estado, Revolução, Sentido para a vida. Com ecletismo e “liberdade” formal, tal época marca o declínio de todos os “ismos” (cristianismo, iluminismo, marxismo) que percorreram a história da humanidade desde os gregos, acentuando-se na era moderna da Revolução Industrial. Outros a consideram um renascimento cultural, uma vez que ela está na base da *desconstrução* do discurso filosófico ocidental que pretende revelar o que existe de oculto nos ideais em crise. A questão não é a restauração de valores antigos, e sim a denúncia de sua falsidade, que conclama responsabilidade nos problemas atuais (Katz e Costa, 1996).

A era pós-moderna é também reconhecida como sociedade de consumo, era da imagem, sociedade do espetáculo, era do vazio, ou do homem light. Na visão de Lipovetzky

---

<sup>33</sup> O Centro Corsini, sediado em Campinas, foi fundado em 1987 e se caracteriza como Organização Não-Governamental, tendo por missão criar e divulgar conhecimentos, produtos e serviços para portadores de HIV/aids.

<sup>4</sup> Quino (1991) – Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

(1983), caracteriza-se pelo individualismo hedonista, personalizado e narcisista; pela apatia; pela sedução generalizada – simulação com plena consciência de jogo (Lipovetzky, 1985); pela legitimação de todos os modos de vida, pela coexistência de contrários e pela inversão dos ideais. A verdade é soterrada, a violência social é banalizada, a insignificância avança. Há uma retração do tempo social e individual, um imediatismo do aqui e agora como valor em si próprio. Imperam as relações de sedução como primazia ôntica e o espetáculo transforma o *real* em falsa representação. As vinhetas clínicas revelam o uso e abuso do jogo de aparências superficiais sem a densidade ôntica da profundidade na tridimensionalidade psíquica. A esperança futurista, a era revolucionária inseparável do modernismo já concluído, depara-se com a apatia que neutraliza as mudanças, enquanto líderes e tabus são enterrados, sem tragédia. A era pós-moderna, “autística”, induz a uma perpetuação do vazio e da deteriorização mental. A existência é consumida. Na era do consumo de massas, quando se privilegiam valores hedonistas, permissivos, individuais, assistimos à comoção da sociedade e dos costumes na contramão das exigências para a estruturação do psiquismo. Viver livremente – sem repressões – é o lema, penetrado até na educação, que banaliza o conceito freudiano numa psicanálise silvestre.

O psiquismo é substituído pelo cérebro. O corpo é uma possessão e não expressão e cenário do SER metafísico: reduz-se a uma anatomia robotizada e a uma psicofarmacologia como divindade sobrenatural. Na era da neuro-tecnologia, pretende-se que todos os problemas humanos possam se resolver imediatamente, e uma simplificação criminosa busca abolir o árduo caminho do pensamento e do desenvolvimento emocional.

*A) Quando a realidade virtual substitui a realidade real: o uso patológico da televisão e do computador*

Não é intenção deste trabalho negar a revolução tecnológica, hoje comparada à invenção da imprensa. Entretanto, é perigosa a questão da substituição da realidade pela realidade virtual.

A linguagem da televisão, nesta aldeia global eletrônica, tem a diversão como objetivo. Para a psicanálise, o ponto é o USO que na sociedade se faz da televisão e/ou do computador, que pode estar enraizado em EROS ou disfarçadamente em THANATOS, pois há uma cumplicidade patológica, numa sociedade autista. É “normal” seu uso segundo critérios estatísticos. Na Unidade de Atendimento Infantil, orfanato (UAI), a televisão se mantém permanentemente ligada transformando-se numa enganosa companhia. Nos locais onde se dão as observações de bebês do curso que coordeno, a televisão ligada, com a

fascinação da imagem, furta a privacidade da mente e anula os espaços para pensar. A realidade do personagem é privilegiada em detrimento da realidade dos fatos. O slogan publicitário simples, breve e fascinante sepulta a complexidade, a profundidade, os matizes, a dúvida, enfim: o pensar (Ahumada, 1997). Tais constatações registram nesta poluição visual e sonora uma dificuldade na inteligibilidade da experiência.<sup>5</sup>

Nas patologias do vazio sempre há uma “fome psíquica” de experiências reais, autênticas. Quando existe uma confusão entre a realidade virtual e a realidade “real”, assistir televisão ou se debruçar sobre a realidade virtual resulta em um maior e mais profundo vazio. A tentativa de preencher com realidade virtual o vazio existencial é trágica. Criatividade e vazio mental são antitéticos. A gênese do vazio aninha-se na orfandade mental crônica: não se sentir querido de verdade pelos pais, irmãos, avós, namorados, professores, cuidadores etc. A eterna “fome” pode criar uma relação de tirania, de domínio e de posse ante a atenção impessoal dada pela maioria dos programas televisivos, regidos quase exclusivamente pelo mercado – programas artísticos e culturais são uma exceção. Um bombardeio maciço e aleatório de informações parceladas, instantâneas e fragmentadas não permite a formação do conceito com potencialidade de articulação. Há uma recepção acrítica de qualquer programa na escravidão pela imagem. Sobre estimulação erótica, a destrutividade, o voyeurismo, a banalização do sagrado, o exibicionismo, o consumismo, o sadismo não são alimentos para a mente humana. Muito menos para um ser em formação.

A construção da subjetividade exige viver a própria realidade psíquica. Substituir esta realidade pela virtual é cair na deterioração mental e potencializá-la.

O pensamento nasce do sentimento. A ilusão surge do universo emocional e é o coração da criatividade. O divórcio entre o sujeito e o coração emocional leva à incessante procura errática do *zapping*, num deambular sem meta para passar o tempo.

O abismo infernal do desencontro humano faz com que muitos pacientes sintam-se como sobreviventes, exilados do mundo humano pelas privações psíquicas sofridas. A deterioração mental pode metaforicamente ser comparada a um câncer mental, que carcome a vida, sendo imprescindível que o tempo seja calcado por experiências significativas, plenas de sentido.

A televisão é uma falsa companhia por ser mecânica, inanimada e “incondicional” (a Xuxa, por exemplo, não é uma mãe para os baixinhos telespectadores); não há uma relação humana singular, não há frustração, nem amores, nem ódios. Há uma superposição de

---

<sup>5</sup> Nos locais das observações de bebês do curso de Psicanálise de crianças e adolescentes da SBPSP, coordenado por Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, a TV está também sempre ligada o que leva muitas vezes ao desligamento das relações humanas entre a mãe e a observadora, entre a mãe e o bebê.

imagens superficiais que não proporciona identificação estruturante do aparelho psíquico. Há um amálgama fundido com as figuras oferecidas, como revela a observação de Claudel aqui apresentada. Uma casca é formada no EU de um ser vazio. Tudo é superficial sem profundidade e transcendência. Cabe aqui questionar se são modelos adequados de feminilidade e de masculinidade, para uma criança ou adolescente em formação, personagens como a Xuxa e o Ratinho. Obviamente que a cultura carece de modelos humanos significativos, representativos de ideais humanos transcendentais.

Assistir a um programa e ficar impregnado difere radicalmente de brincar de casinha, como mãe/filho, médico/paciente, ladrão/polícia; existe na alternância de papéis possibilidade para personificação (Klein, 1929), através dos personagens que representam no Outro as instâncias do aparelho mental. O brincar, como o sonho, é forma de representação, é a colocação em cena no singular espaço potencial, lugar sagrado (Huizinga, 2000) entre realidade e fantasia. O vazio de verdadeiras figuras protetoras com capacidade para conter, sustentar, compreender e revelar o universo emocional, congela a existência humana.

A droga, a promiscuidade, o roubo, a morte do inimigo, o suicídio, as neo-sexualidades serão alucinadamente enfrentadas com a onipotente solução mágica, falsamente protetora que “tudo resolve” quando se está à beira do abismo. A televisão estimula o mundo da sensorialidade, ela pode ser usada como objeto auto-sensual. Em psicanálise, importa a relação, o vínculo. Esses objetos – TV, computador celular – também podem ser usados como experiências transacionais, espaços potenciais no caminho do desenvolvimento (Ungar, 2004). Mas não é este o foco deste trabalho. A imagem e o som podem ser refúgios perigosos na tentativa de forjar um *self*. As adições tem a mesma estrutura. Não é a qualidade do objeto – droga, parceiros sexuais, roupa, alimentação, bebida –, mas a estrutura da subjetividade que revela a deterioração psíquica.

Os limites firmes e amorosos ensinam a diferença entre: fantasia e realidade, o Eu e o Outro, o feminino e o masculino, EROS e THANATOS no processo de humanização. Os programas televisivos, escravos da pós-modernidade, da globalização e da era da imagem, pregam o auge da onipotência narcísica na auto-suficiência, que se opõe ao aprendizado pela experiência emocional e à identificação pessoal.

A televisão, mal usada, induz regressões profundas que convidam à imobilidade e à passividade. Enquanto se assiste à televisão, o brincar, o pensamento, a exploração do mundo, regido pelo pulsional, o devaneio, a dramatização, a curiosidade pelo mesmo mundo, a representação gráfica, a linguagem, são inibidos. É a convivência humana que dá possibilidade às pessoas de lidarem com a inveja, o ciúmes, a destrutividade, o amor, a

solidariedade, a tolerância.

O barulho incompreensível, o manto sonoro ensurdecedor, com imagens cruéis de explosões, tiros, bombas, desmoronamentos, mortes – na cobertura da guerra entramos no cenário sinistro do campo de batalha –, não podem ser elaborados, representados, nomeados pelo psiquismo infantil<sup>6</sup> em todos nós. Na sobreexcitação do aparelho mental transborda o sinistro. A evacuação nas atuações e os terrores noturnos são possíveis saídas.

A criança pequena precisa da constância, regularidade e continuidade do objeto para seu registro, a sua inscrição (Casas de Pereda, 2001). A imagem fugaz da televisão é fonte de vivências obscuras confusas e, portanto, atemorizantes.

Tanto a família como as instituições escolares deveriam poder oferecer, ao dizer de Sócrates, graças ao bom “parteiro” as possibilidades de realização das potencialidades humanas :

- Os sonhos, ao invés de terrores e pesadelos;
- Os projetos identificatórios inspirados em *EROS*, “quando eu for grande eu quero ser...”, ao invés das identificações destrutivas *thanaticas* permeadas pela morte e pelo trabalho do negativo (Erikson 1966, Green, 1996);
- A simbolização, a criatividade e o pensamento, ao invés dos rituais autísticos com os objetos autísticos, as evacuações nas identificações projetivas patológicas; a linguagem do psico-soma e todos os atalhos do trabalho do negativo que contornam o vazio mental e levam à morte psíquica;
- Os vínculos permeados de amor ódio e conhecimento nas relações humanas, ao invés dos vínculos parasitários, perversos, as estereotipias mecânicas, os refúgios defensivos, o isolamento nas conchas autísticas com os objetos auto-sensuais;
- A capacidade de brincar, dramatizar, desenhar, personalizar, representar, ao invés do império da apatia, das atuações – quando a mente funciona como músculo –, das transformações em alucinação, das imitações adesivas no espaço bidimensional, da auto-sensualidade;
- O pensamento e o agir transformador, ao invés da onisciência, da arrogância, da inibição de funções mentais, da racionalização.
- Enfim, o *SER* pensante, intérprete, desejante, responsável, sociável, apaixonado, ao invés de ser interpretado, submetido, sobre-adaptado, egoísta, cruel, deteriorado.

---

<sup>6</sup> O *infantil* não é referência a uma etapa cronológica do desenvolvimento emocional, mas sim uma configuração mental sempre presente no psiquismo humano.

O espaço mental precisa ser criado e ampliado ao invés de abortado ou aprisionado.

A onipotência do pensamento, estado mental que tem como bandeira o “tudo é possível”, não permite a ação de ensaio no Pré-Consciente para ganhar espessura, a elaboração de experiências e afetos diante das inevitáveis limitações humanas.

#### 4) *O vazio mental*

Escolho o conceito nosográfico de VAZIO MENTAL como um paradigma metapsicológico (Fedida, 1992), que permite abordar as variadas formas em que este vazio pode aparecer na clínica nas patologias narcisistas: neo-sexualidades, drogadição, enclaves autísticos, bulimia, anorexia, doenças do psico-soma, etc. Cada quadro psicopatológico, na sua especificidade, revela a tentativa de preencher este vazio que cada vez mais se gera e se aprofunda quando faltam experiências reais, genuínas e autênticas.

Vários autores pós-freudianos apontaram contribuições ao drama dos pacientes muito perturbados (Bion, 1957; Green, 1986; Bleger, 1967; Tustin, 1984; Meltzer, 1973; Anzieu, 1987; Rosenfeld, 1986; Feldman, 1989; Boyer, 1969a; Lutenberg, 2001 etc.).

O *vazio mental* é uma grave alteração estrutural da mente; um continente que não pode albergar conteúdos, uma alteração da relação continente-conteúdo (Bion, 1970). Para Lutenberg (1999), esta patologia corresponde a uma ausência da condição humana dentro da mente, qual seja, a impossibilidade de pensar. Os pacientes com vazio mental passam da angústia sinal (Freud, 1926) ao “terror sem nome” (Bion, 1967). Para este último autor, a angústia e o pânico podem ser experimentados pelo ser humano antes da vivência extra-uterina.

Há uma fragilidade narcísista na coesão das identificações estruturantes, raiz da vulnerabilidade. A identificação é um processo e uma estrutura; é o núcleo sobre o qual se estrutura o *Eu* e o *Supereu*.

De Freud em diante, a frustração é o ponto de partida que exige trabalho de elaboração do aparelho psíquico. A frustração é a não realização da pré-concepção, é a espera, a expectativa de encontro com o objeto do desejo. A privação é a falta do necessário à vida, para vir a ser. É falta daquilo que nunca se teve.

A ruptura precoce da necessária simbiose funcional primária, no início da relação mãe/bebê/pai, provoca um terror sem nome. Vida afora, a compulsão repetitiva (Freud, 1920) procura, com desespero, um renascimento psíquico: a relação simbiótica, outrora impossível.



As defesas simbióticas erguem-se para anular a dor psíquica pela inexistência do bom objeto e do bom encontro. O objeto desejado, esperado, o objeto da pré-concepção, é substituído. Não há possibilidade de realização de um trabalho do luto: há uma substituição alucinada, um preenchimento. A solução para o desamparo não é a investidura do objeto presente, nem os recursos auto-eróticos do corpo como substitutos do vazio. A única saída verdadeira é restaurar a capacidade do psiquismo para figurar, para investir na representação do objeto. Há regiões *sincréticas* da mente que apelam para a fusão e efetuam vínculos simbióticos indiscriminados, vida fora (Bleger, 1975), na tentativa de compensar o terror e paralisar o tempo. A presença de um vínculo simbiótico é testemunho de situações traumáticas precoces, como veremos com Gioconda, na vinheta clínica. Ela tentava preencher este buraco existencial com o corpo dos parceiros sensuais indiscriminados, longe de serem parceiros sexuais. A simbiose secundária é uma defesa ante o vazio e o terror; ela perpetua os vínculos eternamente sincréticos.

Distintas cisões estruturais egóicas estão presentes no sujeito, sem o menor contato entre si e também sem a possibilidade de síntese. Os abortos e desmames psíquicos, padecidos na história pessoal, cavam o vazio e o terror mental. As rupturas simbióticas acentuam o tédio vital, um *fastio vazio*. O vazio mental é um existente presente nos vínculos simbióticos secundários.

Em 1920, para Freud, há repetições além e aquém do princípio do prazer. A pulsão de morte é gestadora de desuniões, do “trabalho do negativo” (Green, 1993). A reação terapêutica negativa (RTN) é compreendida como uma compulsão repetitiva que está “além do princípio do prazer”, busca-se por uma *carga* que instaure a *inscrição psíquica faltante*, ao invés da descarga, *um renascimento*. Em 1926, Freud coloca a angústia em primeiro lugar, também conceitualiza as resistências, entre elas, a do Id. A compulsão repetitiva está ligada a esta última. É trabalho terapêutico fazer com que *EROS* amortize o mudo, mas eficiente trabalho de *THANATOS*. O núcleo do processo são as identificações estruturantes no *EU* e no *SUPER-EU*. Nos pacientes severamente perturbados, a parte psicótica da personalidade (Bion, 1957) impulsiona as quantidades a avançar ao exterior, como se não houvesse frustração que limitasse o desejo. É construída uma nova realidade que descarta o “não”. Aceitar o “não” provocaria um desmoronamento narcísico de todo o *EU*. Outros setores egóicos estão unidos oceanicamente ao mundo circundante. Eu, Id e mundo circundante formam um contínuo indiscriminado (Freud, 1930). As defesas miméticas e/ou o isolamento autístico evitam a dor psíquica.

O bebê nasce com um Id com múltiplas profantasia e disposições a serem

desenvolvidas. Graças à relação intersubjetiva, o *potencial se realiza*. Para Winnicott, o meio facilitador adequado proporciona “sustentação *holding*”, “manejo, *handling*” e “apresentação do objeto”.

Para Winnicott (1982), as vivências de terror pertencem às vivências muito primitivas de desmoração e vazio passadas que se teme padecer no futuro. O vazio para ele corresponde a estágios muito primitivos de *não-integração*.

Com Bion (1962), o vazio mental se entende através da identificação projetiva (IP) massiva. Quando o paciente tenta pensar, produz-se um esvaziamento mental ao expulsar os elementos *BETA*. Com estes elementos evacuados, vão junto a emoção a ser eliminada, o registro desta emoção, funções mentais e, portanto, a capacidade para pensar. A eliminação progressiva destes elementos gera o empobrecimento mental. Com estes pacientes, somos testemunhas na transferência da ORFANDE MENTAL (Lisondo e col., 2003). A violência da IP massiva pode evacuar seus componentes num espaço exterior, criando o *objeto bizarro* no lugar da ausência, objeto que não é gerador de vida e sentido. O objeto bizarro condensa as qualidades originais do objeto e lhe soma múltiplas funções provenientes da parte psicótica da personalidade. Ocupa o lugar que deveria ocupar a ausência como pensamento.

O “objeto buraco” (Quinodoz, 1996) que corresponde a um “sujeito buraco” faz referência a um objeto que, na transferência, vive-se como inexistente e que gera os “buracos de ansiedade”. É um objeto sem representação, um “buraco na fantasia”. A autora exemplifica tal conceito na situação clínica, por meio da paciente para quem os pais biológicos eram inexistentes e não ausentes, tanto quanto a analista na transferência: “eu nasci quando tinha seis meses de idade”. Com os mecanismos defensivos mais primitivos, pela negação, onipotência e cisão, a paciente amputava a origem traumática de sua vida, a cena primária, e o sentimento de ser inexistente para os pais biológicos. Nascer do Nada é ser Nada. Ela repetia em atuações a tragédia de sua origem (Lisondo, 1992), que era irrepresentável, inominável.

#### a) *As novas exigências à pessoa do analista – técnica*

Desafio contemporâneo, a clínica da Psicanálise hoje exige, com estes pacientes, criar a mente ao invés de analisar os conteúdos. No modelo da neurose que inspirou a Freud, na esteira das pacientes histéricas no início do século, a análise das resistências permitia levantar a repressão e alcançar assim os conteúdos reprimidos. Os modelos tópicos de Cs, Pcs, Ics, ou Eu, Supereu, e Id (Freud, 1915), ordenadas do mais superficial ao mais profundo, num eixo

vertical, fazem com que seja a tópica que qualifica a representação. Um mesmo conteúdo, segundo a qualidade da investitura, pode vir a ser representação – Pcs, Ics –, percepção, ou alucinação, tendo o princípio de realidade como parâmetro. A partir de 1920, Freud descobre nas neuroses traumáticas uma outra etiologia. Há uma repetição alucinatória “idêntica” à percepção traumática. O externo, realidade e objeto – o eixo horizontal –, ganha outro estatuto metapsicológico, em relação dialética com as tópicas no eixo vertical. É preciso distinguir representação e percepção. O intrapsíquico e o mundo não são duas identidades autônomas. O *lugar* do analista precisa ser revisado na *techné*, tendo em conta o *lugar* do objeto na metapsicologia das patologias do vazio.

Nestas patologias, a compulsão repetitiva não estaria, como no modelo freudiano, no viés econômico, buscando a descarga e sim **a carga. Por isto a proposta técnica com estes pacientes é editar na relação transferencial ao invés de reeditar** (Lutemberg, 2001). Isto é, inscrever, dar figurabilidade (Botella, 2000) àquilo que nunca teve vez de ser constituído no psiquismo. A repetição busca no “além” um renascimento, a criação e a construção de uma nova história que possa dar voz às marcas mnemônicas na rocha dura que não podem ser ligadas pelo trabalho de elaboração psíquica. A mente e a pessoa do analista são conclamadas em extremo, o *lugar* do analista é mais complexo.

Além da atenção interessada, da disponibilidade e da observação atenta, o analista não só interpreta, e constrói uma história através das hipóteses imaginativas, mas ele também *faz*: interrompe as repetições autísticas, cria a metáfora, nomeia a linguagem pré-verbal, oferece suas funções mentais, sonha para que o paciente acorde para a vida psíquica, figura o quase indizível. A validação destas construções interpretativas, para não cair no risco da sugestão, surge daquilo que o paciente apresenta não como concordância obediente, mas com a emergência de novos elementos inconscientes através dos sonhos, de lapsos, das lembranças que ampliam a compreensão das marcas mnêmicas nos rudimentos do psiquismo. Uma rede de significados é construída. A criação do espaço mental, a espessura do pré-consciente, o processo secundário, a representação são desafios a conquistar no processo analítico. O *infantil*, nestas patologias, não deseja aquele seio idealizado perdido, que exige o trabalho de luto. Há um apelo a uma experiência primordial de bom encontro com um seio pensante. As experiências traumáticas têm privado ao ser deste investimento libidinal fundamental. Ao invés da situação analítica configurar-se como um meio facilitador (Winnicott, 1965), permitindo que aflore o que o paciente tem como potencialidade – como pré-concepção, no referencial de Bion –, trata-se de que o analista seja um meio provedor (Bleichmar, 1997), que o conclame à vida (Alvarez, 2001), para que esse paciente possa vir a *SER* um ser integrado,

desejante, pensante. Em defesa de uma certa neutralidade, é crucial distinguir a necessária neutralidade ideológica da afetiva.

Na segunda tópica freudiana, o *Id* transforma-se em *Eu a partir da percepção*, simultaneamente há uma identificação com o objeto (Freud, 1923). Por isso, na *edição transferencial se estará criando o EU e o SUPEREU*. A tarefa é a **“re?”-construção da mente como continente**. Um verdadeiro nascimento psíquico. O trabalho é de restauração e de criação de funções mentais (Alvarez, 2001). É tarefa analítica representar psiquicamente conteúdos sem representação inconsciente (Freud, 1915c). O “terror” é vivido mas não tem registro, portanto não pode ser recordado, ele é repetido. Para Freud, Bion, Winnicott e Meltzer é a mãe quem registra o terror, muito embora com dimensões teóricas diferentes. Uma interpretação deve conter a parte de abertura que leva toda reiteração pelo fato de estar no vínculo transferencial, e que dá sentido ao repetir com o analista quem é um catalizador semântico. A linguagem é história. O futuro depende do interjogo transferência e contratransferência, para que não seja repetição que reedita uma história, mas sim uma edição criativa. Os pensamentos inéditos, pensamentos sem pensador (Bion, 1967) paridos no processo exigem outra postura técnica do analista.

A *edição* (Lutenberg, 2001) constitui-se por uma *gramática especial*. Os sonhos, as associações livres, as associações corporais, a gramática e a semântica das atuações do paciente, a contratransferência, o sentido do setting permitiram criar, talvez, uma *edição* que não seja *repetição*.

## 5) A menina à procura de um renascimento psíquico

“A proclamada liberação sexual está abolida no Eros Center, que é no seu princípio mesmo um Thanathos Center”. (Pontalis, 1978).

### a) Avaliação diagnóstica.

Os pais de Gioconda me procuram após o segundo aborto provocado por gravidez indesejada desta única filha e o risco de ser contaminada por HIV em “relações sexuais promíscuas”. Na entrevista familiar observo que os fatos são relatados como eventos desmantelados de qualquer significação emocional. Esta filha não desejada nasce porque os pais “TEM QUE” obedecer a rígidos princípios morais e religiosos. Ao nascer, a filha não alterou em nada seus planos profissionais. Montam uma sofisticada estrutura que me relatam

detalhadamente com obsessão. Turnos de enfermeiras durante o primeiro ano de vida cobriam noite e dia, sendo uma velha empregada da casa quem as fiscalizava com a avó materna.

Babás durante o dia e esta empregada no quarto durante a noite se seguiram. Mais tarde, diversas empregadas e motoristas. O avô materno sustentava economicamente este esquema. Enquanto os escuto, deparo-me com a imagem da montagem produtiva mecânica numa fábrica, e o relógio para marcar cartão. Vários sistemas de controle, horários a seguir rigidamente, normas a cumprir ocupam o lugar dos afetos.

“Era para crescer logo, ser grande e poder ir na escolinha maternal.”

Gioconda sofre uma alergia, segundo a mãe, ao leite materno que conduz ao desmame após uma semana. O diagnóstico demora em se delinear. Só aos 6 meses ela aceita a alimentação a base de soja e a sua alergia cede. Sua pele ficava em carne viva e logo formava crostas grossas sobre as feridas como lixa.

A escola se queixava, desde o maternal, pela apatia e falta de entusiasmo. Parecia sempre estar cansada e desinteressada na programação social e os trabalhos propostos. A enurese a acompanhou até a entrada na adolescência, restringido a vida social. A TV e logo as músicas de rock serão as companhias constantes.

A partir dos 15 anos, data colocada pelos pais como portal para uma “vida independente”, Gioconda só se interessa em ir, sempre acompanhada da mesma amiga, aos festivais de rock, mais tarde de música tecno, raves, recentemente ao Skol Beats, onde passava vários dias em acampamentos, ou grandes estádios. O pai sempre a levava. “Nada era possível saber sobre o que lá acontecia porque ela esquecia, perdia ou desligava o celular”, “a gente ficava incomunicável”. “Os tempos mudam, ela não pode ficar isolada e ser uma ET. Esta é a nova forma da juventude protestar. Foi numa destas festas que ela engravidou pela primeira vez e a gente decidiu o aborto”. Os pais se enfurecem porque, para eles, a filha oculta propositadamente a identidade dos parceiros. “Ela os protege.” Longe estão eles de perceber a veracidade desta auto-revelação. A falta de identidade a levava a procurar compulsivamente, pela necessidade aditiva e não pelo desejo, vários parceiros indiscriminados para suprir o objeto primordial.

#### *b) Entrevista de Avaliação Diagnóstica com Gioconda.*

Na primeira hora de observação psicanalítica, Gioconda me escuta atentamente quando lhe digo que desejo conhecê-la para poder compreender o que está acontecendo com ela. Os pais me tinham procurado preocupados. É um encontro permeado por longos

silêncios. Eu intervenho ativamente porque interpreto os silêncios como a entrada em cena do vazio mental.

*“Eles contaram dos abortos?”*

*“Contaram, mas eu gostaria que você me contasse o que acontece, no fundo de tua alma”.*

Ela levanta da poltrona, puxa o tapete para se deitar bem na minha frente e muito perto do aquecedor que está ligado. Me observa muito atentamente. Penetra com um olhar suplicante e me diz após significativo silêncio: *“eu gosto muito do quentinho”*. Coloca as mãos muito perto do aquecedor e logo as esfrega intensamente uma sobre a outra. Toma uma almofada da poltrona e a abraça. Deita de lado, sempre me olhando, pernas encolhidas como um bebê. Um silêncio suplicante parece berrar. O sorriso tímido, apenas insinuado no seu rosto unsoira à analista o nome de Gioconda. *“Que passa pela tua cabeça.”* Ela me agarra com seu olhar. Encontra de relance os lenços de papel do lado do divã. *“Ah!! Aqui tem lencinho... são para chorar?”*

*“Você pode aqui ser Gioconda e expressar o que você sente.”*

Ela toma um lencinho da caixa e o aperta entre as mãos.

Silêncio.

*“Que sentes?”*

Ao final da hora, ela diz que irá levar o lenço que está quase esfarelado. Assim eu percebo seu self.

*“Você pode levar na tua alma a esperança de ser compreendida e vir a te construir como mocinha numa análise.”*

### *c) Instauração do Processo Analítico:*

Combino uma entrevista conjunta com ela e os pais para instaurar o sentido do setting analítico após revelar as hipóteses diagnósticas elaboradas em todo o processo de avaliação psicanalítica.

*“Gioconda é uma menina que não consegue ser a moça de 18 anos. Ela fica desesperada. Aterrorizada, se agarra a qualquer um na tentativa desesperada de poder SER, de encontrar alguém. Só que cada vez ela fica mais sozinha, com um buraco maior e se coloca em mais riscos”*

Ela acha muito 3 vezes por semana. Os pais desejam embarcar nesta atitude alegando as atividades extra-escolares e o preparo para o vestibular.

*“Gioconda precisa primeiro poder viver e cuidar de uma vida que faça sentido para ela ao invés de abortá-la com riscos cada vez mais perigosos. A saúde é uma prioridade.”*

*“Análise não é mais uma atividade. É o único caminho que eu conheço para que ela possa se encontrar, viver com alegria e se construir por dentro.”*

Ela, parece-me, entende em princípio a prioridade. O pai alega que a psicanálise não pode ocupar toda a vida da **filha**: *“No mundo de hoje um título é importante. Qualquer um.”*

Construir o setting foi o primeiro desafio (Winnicott, 1956). G. ora esquecia, ora confundia os horários. Telefonava ou me surpreendia na sala de espera em qualquer horário. Esperava para me ver, ou deixava bilhetes por debaixo da porta. Percebia que ela não só entrava nas entranhas da minha vida para saber quem eram Alicia, os outros pacientes, mas pretendia ocupar todo o espaço e tempo possível. Desconfiada, testava a veracidade da minha postura permanentemente.

#### *d) A Travessia*

Após quase dois anos de análise.

Enquanto eu a aguardava no seu horário, observei que o escritório do consultório estava muito cheio e que era preciso arrumá-lo, mas que o meu fim de semana estava muito ocupado. Percebi que eu preenchi meu sentimento de decepção perante a sala vazia – sem a paciente – com a agenda e o escritório repletos de coisas.

*“Ontem saí com raiva quando você falou - ela imita o meu portunhol- teu horário já passou era às 18 horas e não às 8 da noite’. Eu não entendo essa tua língua enrolada. Eu queria todo o tempo (da sessão) e não entrar para sair. Fiquei brava! No teu jardim, cortei um galho para arrancar uma flor de jasmim. Juro que eu só queria uma flor, queria ter o perfume, só isso. Na minha casa vi que estava cheio de botões. Maria me falou que agora não vão florir, que eu tinha podado a planta e que a planta podia ficar ressentida.”*

Penso que a análise é a outra língua promissora para que Gioconda possa construir a subjetividade. Ela queixa-se por não ter tido à sessão. Alegria pelo reconhecimento do valor da análise, e “arrependimento” por não ter atendido à sua expectativa são as emoções que aparecem em mim. Mas também o novo *editado* na sua vida foi, parece-me, um limite com firmeza amorosa.

*“Você quer entender a esta Alicia diferente que te mostra os rolos, e que te surpreende quando te escuta, te atende, e percebe que você pode me contar através dessa flor que em cada gravidez você queria voltar a nascer como uma menina de pele aveludada,*

*cheirosa capaz de atrair, de agarrar a essa Alicia ocupada, a mamãe e papai. Você acabou cortando os pimpolhos, os bebês abortados, a sessão que não teve vez ontem e que hoje podemos vir a entender. Você está muito machucada, em carne viva por dentro. Você repete e repete, querendo nascer de novo, mas você se ARREBENTA ASSIM, querendo a qualquer preço ter o que precisas.”*

*“Eu pensei que ia levar bronca, lições de moral barata de você.”*

*“Você sabe que a questão aqui é poder entender o que te acontece. Quando te digo: ‘não é esta a nossa hora, como ontem, você pode ficar com raiva’, mas você percebe que tentar te compreender não é fazer tudo o que você quer, do teu jeito. Isto seria loucura. Eu percebi que hoje você chegou quase pontualmente. Só 10 minutos atrasada.”*

*“Eu pedi para Maria me avisar a hora. Só que lhe falei da hora do início aqui. Nem amarrei o tênis para chegar cedo.*

*Ontem, após o jantar, L. telefonou. Ele queria um empréstimo. Estava sozinha em casa. Ninguém percebeu. Nós acabamos transando. Com sorriso maroto, de camisinha!. Eu não gostei, não gosto dele. Ele é muito bruto quando está bêbado, drogado, mas eu gosto do cheiro, da barba... Eu sei que o dinheiro não volta. Ele só quer a grana. Eu chorei loucamente quando acabou”.*

*“Durante muito tempo você também achou que o meu interesse fosse pela grana e não por você como pessoa, pelo seu sofrimento. Você me conta que desta vez colocou a camisinha, que te proteges de certos perigos. Penso que podes começar a se cuidar, chegas quase na hora, e podes chorar a tristeza do vazio...”*

SILÊNCIO.

*“Será que você não se sentiu muito sozinha, sem toda a sessão ontem? Será que você não quer loucamente companhia para te preencher a qualquer preço? Será que você pode, aqui, vir a perceber que você chora quando você não encontra o que VOCÊ SUPLICA: AMOR...”*

*“Ah!! Lembrei! Quando dormi, exausta de chorar, me abracei no ursinho e sonhei.”*

Conta o primeiro sonho da análise.

*“Eu estava em São Paulo, na maternidade onde eu nasci, Pro Matre. É perto da Paulista. Eu tinha que chegar, não sei onde, mas eu tinha que chegar voando. Era como a estrada Bandeirantes. Meu pai dirigia o carro, logo era eu sozinha no carro sentada sobre almofadas e dirigia, como se fossem braços ortopédicos de robô. Eu era um bebê. A cabeça balançava. Eu passava nos pedágios quase voando, como nos desenhos animados. Só isso eu lembro...”*



Gioconda apresenta, no sonho, o bebê que balança entre a vida e morte, na orfandade mental, sem ter penetrado na mente dos pais. Precisa voar, capturada pelos ideais parentais, para chegar quase sem fazer o caminho. O custo é ter sufocado o self infantil porque a neo-normalidade social não é sinônimo de desenvolvimento mental. Ela cumpre uma profecia auto-anunciada, ao se transformar num robô mecânico, com braços ortopédicos, auto-suficiente e independente, numa confirmação narcísica de seu ser. Gioconda desafiava o objeto materno interno, o pai interno e a morte. Há uma referência à sua segunda pele como prótese mental, função também realizada pelas roupas de grifes. O contato sensorial, matéria-prima do psiquismo, nos primórdios da vida mental, requer a compreensão materna para a sua transformação. Ela corta o jasmim, para levar o perfume concreto da analista, que ainda não pode mentalizar, mas arranca com ele os pimpolhos, os bebês, a criação da analista, frutos da cena primária. Ela atua as emoções que não pôde conter. Não é a hora para interpretar o ódio, a inveja pelos traumas precoces sofridos. Preferi interpretar aquilo que a sua mente podia conter, para não potencializar a evacuação dos elementos beta: a compulsão repetitiva a procura de editar na transferência aquilo que sempre mendigou: AMOR, A CONTINÊNCIA DO OBJETO COMPRENSIVO. A estrada Bandeirantes penso que faz referência ao caminho pioneiro na análise para o resgate do primitivo nela, fonte de tesouros, e a libertação da escravidão mental no uso de parceiros, “objetos transitórios” (McDougall, 1991), drogas, grifes, na tentativa de evitar a dor pela perda e as falhas do objeto primordial. Ela cumpre as exigências de correr vida afora, sem poder se deter nas crises do desenvolvimento. Ao invés de mudanças catastróficas, o sonho revela a gênese das catástrofes mentais.

A mãe aparece e talvez se insinue um tênue projeto de identificação materna, insuficiente para conquistar o pai. Ante o sentimento de abandono, ela sobrevive às custas de negar a dependência, numa tentativa de auto-cura. Gioconda transita com muita dificuldade o caminho da análise para vir a ser uma mulher; entretanto, no sonho o impasse é anunciado. O trabalho analítico é contrário à magia onipotente dos desenhos animados no mundo infantil. Não é possível acelerar o necessário processo de construção mental nesta busca desesperante: na busca de um Outro significativo, substituto da função materna e paterna na simbiose estruturante. Ela paga um alto preço por uma companhia psiquicamente mortífera. Gioconda se reduz, uma e outra vez, na tentativa de um renascimento abortado, a um corpo mecanizado como robô a ser usado, um buraco a ser preenchido brutalmente. Ela sofre pela decepção, a falta de sentido, a perpetuação do vazio no esfacelamento de seu ser. Repete a simbiose, agora só com dois parceiros, que alterna.

*e) O Impasse*

Após 6 meses desta sessão, os pais marcam uma entrevista porque estão cientes das dificuldades da filha para ser aprovada no vestibular de uma faculdade de excelência. Guiados pelos resultados dos exames simulados, pensam que, para que não se frustrasse, ela pode prestar em lugares menos exigentes, o que implica mudar de cidade e/ou estado. A análise não entra como questão, nem o estado mental de G., nem a exigência de uma outra separação para morar sozinha, muito menos o sentido de uma formação universitária. Mostro como, de novo, há uma preocupação com os resultados e não com a filha como um SER doente, que precisa de cuidados especiais. Insisto na necessidade imperiosa de análise, seja na cidade que for. G. precisa ser escutada.

*“Não gosto de Natal. Eu não quero mudar de Campinas. Meus pais estão um saco!!! A toda hora cobram: você gasta uma fortuna só em roupa, além da análise... De que você vai viver sem estudo? A vida não é só dormir, gastar e ver TV.*

*Quero me ver livre do vestibular. Pular no tempo”.*

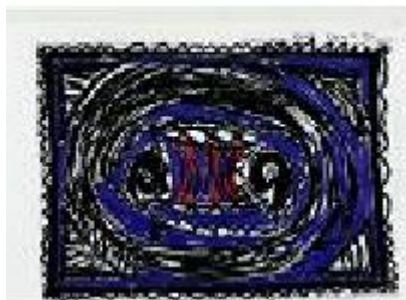
*“Você não pode voar no tempo como naquele sonho você fez com os pedágios. Análise é um caminho longo e difícil. Você está dividida. Um lado quer a continuidade deste trabalho, ficar em Campinas para você poder SER; um outro lado quer cair fora da análise, correr e correr para escapar. Você precisa renascer numa análise para ser Gioconda e trabalhar com a menina dentro de você.”*

*“Tive um pesadelo horrível em preto e vermelho. Acordei chorando. Não podia mais dormir. Eram manchas... Ela desenha no ar numa tentativa desesperada de dar forma... Foi horrível. Eu acordei berrando ‘Não! Não!’.”*

*“Você quer desenhar?”*

O seu rosto se ilumina. Vamos na sala de crianças. Ela desenha.

*“Eu acho que estou assim por dentro!! Podre!!*



Na sala de crianças, onde eu a convido a ir, o self infantil encontra o cenário privilegiado para se expressar. Ela pode dar figurabilidade ao horror. As molduras revelam a presença de um objeto continente interno. Os genitais femininos danificados, no ventre preto-vermelho-roxo podre, pela culpa, condensam no ideograma: a destruição do corpo materno, o assassinato dos bebês gestados pelo casal parental, a condensação dos abortos reais, e imaginários – os irmãos sem vez; ela, um aborto vivo; e na transferência o aborto da análise.

A preocupação *aparente* com o cuidado *material* desta filha, num splitting forçado, nega o sentido da vida, da maternidade e paternidade, da criação de um novo SER. Ela é programada para ter que cumprir as exigências, e ideais parentais que recusam a dependência e o infantil. O auge da materialidade com fim supremo, a recusa dos lutos, o contato superficial, as programações mecânicas, afogam a dimensão humana do ser e seu sofrimento.

#### 6) *Vinheta da observação de bebês*

Primeira Observação: Claudel – 9 meses

Local: Abrigo. Unidade de Atendimento Infantil do Centro Corsini (UAI), percurso até a nova casa.

“Fomos chamados para ir até a casa nova, porque a mulher holandesa que ajuda na construção da casa está aí, e vai um jornalista lá agora fazer uma reportagem. Mas não tem problema nenhum, você vai junto!” A assistente social convida a observadora.

Relato da observadora:

Encontro-me finalmente com Claudel no colo de uma das cuidadoras. Há um clima de festa ao redor desse bebê, e comentam sobre seu vestido. Ela parece compartilhar desse entusiasmo; seu olhar é vivaz e percorre os olhares que sobre ela recaem nesse momento. Uma segunda cuidadora chega com uma fita de cabelos para enfeitá-la. Ela é passada para outro colo, quando ajeitam-lhe a fita na cabeça.

Aos seus pés, está a menina Camila, que me recebeu pela janela, parecendo maravilhada com a “brincadeira de boneca” que se desenrola. Claudel não perde sequer um som do acontecimento. Olha em direção a cada um que lhe fala, ou fala entre si. Mesmo indo de um colo ao outro, parece manter estável um certo grau de excitação confortável, pois seu corpo movimenta-se de forma rítmica e suave. Move os bracinhos em respostas às brincadeiras, e sorri durante todo esse tempo.

É passada mais uma vez ao terceiro colo, aos cinco minutos dessa Observação, quando decidem que “fica melhor sem a fita”. Uma das cuidadoras mostra-lhe a mamadeira, e pela

primeira vez ouço Claudel emitir um som supostamente de agrado, acompanhado de um sorriso largo. A mesma cuidadora que a segura senta-se para oferecer-lhe a mamadeira, que ela aceita prontamente, sugando inicialmente de forma determinada. Duas ou três sucções são suficientes para que ela empurre com as mãozinhas o bico da mamadeira. Parece desapontada com o paladar do suco, fazendo careta, mas a cuidadora olhando ao redor para o “chega e sai de crianças” não percebe seu desagrado. Esta insiste em enfiar-lhe a mamadeira novamente, e Claudel mais uma vez afasta, usando as duas mãos.

- *Você não quer?*, pergunta-lhe agora, insistindo em enfiar-lhe o bico da mamadeira na boca.

Camila, que continua a rodear-lhe, pergunta:

- *Posso segurar ela?*

Claudel não aceita o suco, uma vez mais, virando o rosto para o lado, e soltando o bico que fora enfiado.

Uma outra cuidadora pergunta se foi pega a chupeta de Claudel, quando então a menina Camila responde orgulhosa:

- *Eu já peguei!*, retirando-a de dentro da sacola que está ao lado, e pondo-a na boca do bebê.

Nesse momento, a cuidadora, que tem Claudel nos braços, levanta-se e, dirigindo-se à sala para tratar de alguém, deixa-a abruptamente dentro de um cercadinho, dedicando-se a cuidar da situação que surgira e das crianças envolvidas. Num instante, dissolveu-se a roda de atenções que havia se criado em torno dela.

Ela, que está em pé segurando-se pelas mãos dentro do cercado, deixa de sorrir como a alguns instantes atrás, e mantém seus olhos muito atentos ao seu redor, parecendo buscar as feições conhecidas e repentinamente ausentes.

Todos se afastam, e permaneço eu a um metro dela. Seus olhos me alcançam, mas ela parece ressentida pelo desaparecimento brusco das pessoas. Permanece ainda em pé por alguns minutos sacudindo o corpo, dobrando os joelhos repentinamente, e girando a cabeça em direção a toda voz que ela escuta, parecendo tentar encontrar a sua fonte. A sala vai se esvaziando, e vai se criando um silêncio ao nosso redor. Ela senta-se, e vai parando de procurar pelos rostos através das pistas dadas pelos sons.

Seu olhar comunica uma tristeza que percebo, por estar ali disponível a conhecê-la, mas não que ela pareça “usar” minha presença para contar-me algo por seus olhos. Ela apanha o único brinquedo que está à sua disposição: um carrinho tipo caminhonete duro e preto, que segura com as duas mãos. Segura-o, solta-o por diversas vezes. Solta a chupeta, pega-a e a

leva à boca por outras tantas vezes. Seu tônus muscular parece afrouxar-se, e ela não conserva nem a chupeta na boca, embora mostre um esforço em recuperá-la. Pergunto-me se há objeto interno suficientemente construído e disponível à recuperação. Pergunto-me ainda se a tristeza é minha e ela ainda estaria aquém da capacidade de entristecer-se.

Sentada ainda, com uma das mãozinhas agarra seu vestido rodado e de pano farto, e movimentando-o lenta e ritmicamente. Cessa o movimento, e segura com a outra mão o carrinho duro. Volta-se ao tecido com a mão direita. Vai ao carro com a mão esquerda.

Permanece assim por um bom tempo, o suficiente para evocar em mim a imagem de uma encruzilhada: duas mãos, dois destinos... A possibilidade de emergir-se numa macia experiência de transicionalidade, ou a desesperança do encontro consistente com o outro, em que a ausência tem que ser tampada pela negra e dura realidade do não chorar, não reclamar?

Não abre mais a mão que agarrou o tecido do vestido, e permanece assim por algum tempo enquanto toda a sala foi ficando vazia, e a TV foi desligada.

Estende a mão para alcançar o único penduricalho do cercado, cuja cor é apagada, e a consistência igualmente dura. Com as duas mãos agarra o pano de seu vestido rodado e entrega-se a essa atividade. Sacode-o, leva-o à boca, não emite nenhum som, nenhum sorriso e seu olhar é agora arregalado, um tanto parado, não me penetra, mesmo quando me fita.

Esse havia sido o momento mais longo da observação, e também o de menos barulho e estímulos externos, pois tudo o que se segue tem um colorido de festa (casa nova, roupas novas), que imprime a situação um “maravilhamento” que pode encobrir de experiências que somente a continuidade das observações pode revelar.

Alguém entra perguntando:

- *E a Claudel?*
- *Você leva ela?* (dirigindo-se a mim)

Respondo-lhe que estou à disposição, e me pedem então que vá carregando o bebê até o carro que já está estacionado, esperando apenas por nós.

Ao entrar no carro, uma cuidadora já instalada se oferece para pegá-la, dizendo que facilitaria a minha subida à perua, e diz que eu posso carregar o outro bebê que está chegando nos braços de mais uma funcionária.

Ao chegarmos na casa, novamente ela começa a ser passada de colo em colo, demonstrando uma tendência ambiental, que, a se confirmar, atribui uma determinada qualidade na constituição de sua história vincular.

Ela é segurada pela senhora holandesa, que a prende. Claudel não esboça nenhuma reação, embora seu olhar agora pareça mais vazio.

a) *Comentários*

A propósito do tema aqui convocado, é possível observar na instituição o clima de festa maníaco. A reflexão sobre a sessão inicia-se com a hipótese de que Claudel, neste relato, parecia não ter a experiência humana de um objeto compreensivo.

Observa-se que há disponível um conjunto de estímulos e um aglomerado de personagens indiscriminados na cena. Camila é quem se identifica com o rol maternal e cuida de Claudel. Há um manto sensorial envolvente, que talvez constitua-se em uma sobreexcitação ao invés de uma estimulação dosada. Claudel é privada, nesta observação, de vínculos, experiências emocionais significativas, estáveis e contínuas. Há *handling*, mas longe da experiência de *holding* e de *rêverie*.

A preocupação é centrada na aparência superficial para produzir a “menina bonita” com ou sem fita no cabelo para ser mostrada a importantes personagens: a sra. holandesa, e a diretora do Centro Corsini. A bebê apresenta sinais de vitalidade psíquica, uma vez que compartilha e se identifica com o entusiasmo das pessoas que a cercam. Claudel é capaz de participar dos olhares e dizeres ao seu redor, quando é o centro das atenções e é coberta por um manto sonoro que ela tenta recuperar quando é deixada no cercado.

A retirada brusca dos cuidados, a perda dos contatos humanos familiares, *après coup*, sepultam Claudel na desolação. Há uma significativa mudança mental. Claudel procura o objeto, tenta recuperá-lo dentro de si. Por não encontrá-lo, desiste. Na gênese desse movimento, não pareceria portanto haver uma falha na pré-concepção, mas sim uma falha no objeto externo real, que deixa a desejar ao não cumprir a função de *rêverie*, a *preocupação materna primária*, *não ser modelo de identificação*, *não despertar funções mentais*. Não há um ambiente que facilite a realização das potencialidades mentais de Claudel, nem um meio que possa prover o desejo, o interesse, o trabalho mental. Esta menina murcha psiquicamente, desvitaliza-se quando perde o manto sonoro e visual do qual depende pela falta do objeto introjetado, núcleo do *eu*. A avaliação inicial é de que ela teria recursos mentais potenciais, mas ao perder o objeto seus recursos não se desenvolvem.

Ela deixa de rir, não emite sons, o seu olhar perde expressividade. Aparentemente, não alcançou a tridimensionalidade, o que se supõe a partir dos momentos de não penetração do seu olhar. A dureza dos objetos, e o vestido reduzido agora a um pano que, nas dobras do rodado, talvez guarde ainda os vestígios humanos das exclamações e o encantamento fugaz dos olhares – estes são seus refúgios defensivos. Ela segura e solta o carrinho, do mesmo

modo como ela foi segurada e solta, passada de colo em colo tantas vezes. Seu jogo é estereotipado, empobrecido e repetitivo. No pano, segura o seu self para não desmontar e com ele preenche a boca, na procura da auto-sensualidade, em que Eros é congelado. O vestido só pode fazer parte da festa íntima, quando a presença, o olhar e a palavra plena de sentido, de um Outro, a configura significativamente na sua graça de menina bonita. Há um esforço em arrumá-la, para deixá-la com linda aparência, criar o personagem para o espetáculo. Mas a beleza não é mentalmente sustentada, no encontro humano, para que Claudel possa vir a ser uma bela menina, no caminho da estruturação da feminilidade.

O contato fugaz com a exterioridade sensorial ofusca o contato mental, a percepção atenta, a preocupação com Claudel. Uma aglomeração de funcionários muito “eficientes” no cuidado da materialidade – higiene, alimentação, vestimenta – não permite o contato mental com um Outro significativo que possa alfabetizar emocionalmente essa menina com o sentido, na esteira da subjetivação.

A cuidadora enfia a mamadeira reiteradamente, mesmo quando Claudel não a quer. Seu gesto não é legitimado, interpretado, compreendido. Será que ela tem o direito a se opor? Ao não aceitar a mamadeira, poderia estar apresentando dificuldades na introjeção, e, ao expressar seu desagrado, não recebe um olhar mental. Rapidamente, quando ela está pronta para cumprir o figurino, o ideal institucional, ela fica abandonada no cercado, só com a observadora. A diminuição do tônus de sua boca indica a falta de continência vivida no vínculo. Ela perde a capacidade de conter porque não foi contida.

Ela é passada de colo em colo. A observadora é chamada a ser mais uma carregadora. Ressalta-se a função da observação psicanalítica para poder pensar, não cedendo a observadora à solicitação que lhe é feita, quando então o ambiente tenta atribuir-lhe uma outra função: a de tornar-lhe ali mais uma no desfiladeiro das passagens corporais concretas. Parece então muito claro que o que esta criança necessita não é mais um colo entre tantos, mas um espaço mental compreensivo. Assinala-se, por essa reflexão, o papel do observador na função de percepção atenta, continência, escuta, postura analítica, modelo oferecido para a instituição para alcançar contatos humanos numa dimensão mais plena de sentido.

Finalmente, nota-se um influxo da observação psicanalítica na UAI, através de uma avó, que vem comentar sobre um presente que não pôde ser dado durante todos esses anos aos netos, pois os cuidadores estariam proibidos de dizer que era ela quem o dava. Por que esta avó escolhe a psicanalista para ser escutada na sua dor? A necessidade de subjetivar as relações, de viver verdadeiras relações significativas, que possam ser inscritas no inconsciente e interpretadas pelo Outro compreensivo, parece delinear-se desde então como o desafio.

### 7) *Alerta*

Tanto Gioconda quanto Claudel recebem cuidados materiais para enaltecer a aparência superficial, em consonância com os modismos de uma cultura: o vestido, as roupas de grife, os cuidados materiais splittados forçadamente da significação, o espetáculo montado, as exigências de precocidade, a banalização das incipientes experiências emocionais, a negação da vida mental em formação, etc. A profundidade das vivências emocionais é pulverizada. O nascimento de um filho, a casa nova, os quinze anos, o vestibular não significam verdadeiras mudanças e sim a repetição traumática das exigências a cumprir, sufocando o seu sentido profundo e a significação emocional.

Ainda observamos a tendência a recusar a percepção da realidade psíquica como forma de evitar a dor ante o sinistro.



## Referências bibliográficas

AHUMADA, J.L (1997) - *El rol del Psicanalista en la era de la imagen: Problemáticas y desafíos*, trabalho apresentado na APdeBA.

ALVAREZ, A. (2001) – *Levels of analytic work and levels of pathology*. Trabalho não publicado.

ANZIEU, D. et al. (1987). *Las envolturas psíquicas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

BION, W.R. (1962) - *Uma teoria sobre o Pensar*. Estudos Psicanalíticos Revisados, Imago, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (1957) – *Second Thoughts*. Londres: Tavistock Publications, Karnac Books, 1984.

\_\_\_\_\_ (1967) – *Volviendo a pensar*. Ediciones Horme, Buenos Aires.

\_\_\_\_\_ (1970) – *Attention and Interpretation*. Tavistock Publications, Karnac Books, 1984.

BLEGER, J. (1975) – *Simbiosis y Ambigüedad*. Buenos Aires, Paidós, 1975.

BLEICHMAR, H. (1997) – *Avances en psicoterapia psicoanalítica. Hacia una técnica de intervenciones específicas*. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BOTELLA, C. e BOTELLA, S. (2000) – *O inacabamento de Toda a Análise o processual: Introdução à Noção de Irreversibilidade Psíquica*. In: *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, vol. 2, nº 1, 2000.

BOYER, B. (1969)– *La técnica psicoanalítica en el tratamiento de ciertos trastornos caracterológicos y esquizofrénicos*. In: *Revista de Psicoanal.*, 26, págs. 765-839.

ERIKSON, E.H. (1966) - *Infancia y sociedad*. Buenos Aires: Hormé ediciones, 1970.

FÉDIDA, P. (1992) – *Auto-erotismo e autismo: condições de eficácia de um paradigma em psicopatologia*. In: *Nome, figura e memória*. São Paulo: Escuta, 1992.

\_\_\_\_\_ (1991) - *Nome, Figura e Memória - a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Ed. Escuta., 1992

\_\_\_\_\_ (1988) - *A clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.

FELDMAN, M. e SPILLIUS, E.B. (orgs.) (1989) – *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FREUD, S. (1895) – *Proyecto de psicología*. Obras completas, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu. 1976.

\_\_\_\_\_ (1910) - “*Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910)*” In: *Obras Completas*.

Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, com la colaboración de Anna Freud Buenos Aires: Amorrortu editores. Vol. XI. 1957.

\_\_\_\_\_ (1915c) – *Lo Inconsciente*. Obras completas, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu. 1976.

\_\_\_\_\_ (1920), *Mais Além do Princípio do Prazer*, St Ed vol. XVIII – Imago – RJ 1976.

\_\_\_\_\_ (1923) – *El yo y el ello*, Obras completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu. 1976.

\_\_\_\_\_ (1926) – *Inhibición, sintoma y angustia*, Obras completas, vol. XX, Buenos Aires, Amorrortu.

\_\_\_\_\_ (1930) – *El malestar en la cultura*. Obras completas, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu. 1976.

GREEN, A. (1986) – *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu editores.

\_\_\_\_\_ (1993) – *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu editores.

\_\_\_\_\_ (1996) “*Ser psicoanalista hoy. ¿ Para hacer que ?*” In: Revista Asociación Escuela Argentina para Graduandos. Nº 22, 1996.

\_\_\_\_\_ (1996) – *La pulsión y el objeto*. In: La metapsicología Revisitada. Buenos Aires: EUDEBA.

GUIGNARD, F. (1997). *O infantil ao vivo. Reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago.

HUIZINGA, J. (2000) – *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva.

KATZ, G. Y COSTA, G.P. (1996) – *O adolescente e a família pós-moderna*”. In: Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 30, Nº 2. São Paulo 1996.

KLEIN, M (1929) – *La personificación en el juego de los niños*. In Obras completas de Melanie Klein, Buenos Aires: Paidós. 1975. Vol. 2. Pp. 191-200.

LIPOVETZKY, G. (1983) – *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama, 1994.

LISONDO, A.B.D. et al. (2003) - “Orfandade Mental”. Trabalho apresentado com a Equipe do Serviço de Psicologia Psicanalítica do Centro Corsini, no XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado pela ABP, Recife, 01 à 04 de Outubro de 2003.

LISONDO, A.B.D. (1992). A Reinterpretação da Tragédia de Édipo à luz da Adoção e dos Estados Primitivos do Desenvolvimento do Psiquismo Humano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, SBPSP, 26 (4).

LUTEMBERG, J. (2001) – *Revisión del paradigma freudiano de la sexualidad: El vacío mental y la edición*. In: Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados, vol 27 “Fundamentos del psicoanálisis: desarrollos teóricos, clínicos y técnicos”. 2001.

\_\_\_\_\_. (1999) - “*La ilusión vaciada: Reflexiones acerca de las experiencias reales y virtuales*” Buenos Aires. Colección Infinito, Grupo Editorial Lassús. 1999.

MCDUGALL, J. (1991) – *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

MARUCCO, N.C. (2000) - *El desarrollo de la personalidad y la cultura. De la endogamia narcisista a la exogamia edípica (ideales narcisistas e ideales culturales)*. Trabalho apresentado no XXIII Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis, Gramado – Brasil. 02 al 09 de Septiembre de 2000.

MELTZER, D. (1973) – *Sexual States of Mind*, Pertshire: Nueva York: Clunie Press.

MEYER, L (2003) – *O sonhar do analista*. Trabalho apresentado no ciclo de debates da clínica às Hipóteses Psicanalíticas em 23 de abril de 2003, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2002) – *Análise subalterna*. In: Ver. Bras. Psicanálise, vol 36 (1): 145-159, 2002.

PEREDA, M.C.(2001) - *Sobre as primeiras inscrições*. In: Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 3, n.1, 2001.

PARADA FRANCH, N. J. P. (2001). O Suporte da Comunicação no Brincar da Criança In *A Atualidade da Psicanálise de Crianças* Org. Grana e Piva. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PONTALIS, J. (1978) – *Entre el sueño y el dolor*. Buenos Aires; sudamericana, 1978.

QUINODOZ, D. (1996) – *Na adopted analysand's transference of a 'hole-object'*. J. Psycho-Analysis. 77: 323.

ROSENFELD, H. (1987) – *Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronterícios*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

ROSENFELD, D. (1986) Identification and its vicissitudes in relation to the nazi phenomenon.” In: *The Psychotic – Aspects of the Personality*. Karnac Books: London and New York. 1992, 67:53-64.

SHAKESPEARE, W. “*Macbeth*” . Tradução de Barbara Heliodora.

SOR, D. y outros (2001) – *Acerca de las decisiones* . Trabalho não publicado.

TOYNBEE, J. M. C. Ruler-Apotheosis in Ancient Rome. *The Numismatic Chronicle*. London,7,1947.

TUSTIN, F. *Estados Autísticos em Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

\_\_\_\_\_ Revised understandings of psychogenic autism. *Int. Psycho-Anal.*, 72: 585, 1991.

\_\_\_\_\_. *Barreras Autistas em Pacientes Neuróticos*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1984.

UNGAR, V. (2004) – *El trabajo psicoanalítico com adolescentes hoy*. Trabalho apresentado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no dia 15 de maio de 2004.

WINNICOTT, D.W. (1965), *The maturational processes and the facilitating environment*, Londres, Hogarth Press (1987).

\_\_\_\_\_ (1982). *El temor al derrumbe*. Revista de psicoanálisis, APA, nº 2.

\*\*\*\*\*

**Alicia Beatriz Dorado de Lisondo**

Rua: José Morano, 313 –Pq. Nova Campinas –

Campinas – SP –CEP. 13100-055

Fone: 19-3251-5059 e-mail: [alicia.lisondo@uol.com.br](mailto:alicia.lisondo@uol.com.br)